quinta-feira, 5 de maio de 2005

ENTREVISTA

Diretor do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, cujo nome está associado ao Fórum Social Mundial, fala ao Repórter Social sobre o papel da universidade em tempos de mercantilização da educação

Por MÁRCIA MARIA, especial para a Agência Repórter Social

Repórter Social - O senhor questiona a abertura comercial das universidades como forma de modernizá-las. Como elas podem se modernizar, mantendo sua responsabilidade social?

Boaventura de Sousa Santos - Desde as universidades medievais até as universidades de hoje, elas passaram por períodos de modernização sem que isso fosse feito através de mercado. Portanto, não há nenhuma razão para pensar que essa modernização não possa estar a ocorrer fora dos imperativos de mercado, sem a transformação da Universidade em um mercado universitário. É evidente que é necessária uma política pública que tem que ser assumida como prioridade pelo Estado, pelos Estados nacionais hoje. Por quê? Nós caminhamos cada vez mais para uma sociedade da informação, para uma economia baseada no conhecimento e, neste momento, o que está em disputa é saber quem vai produzir esse conhecimento. Há uma grande pressão dos países centrais, mais desenvolvidos, que pretendem transformar as suas universidades em universidades globais, que vão produzir conhecimento para o resto do mundo. Desta forma, as universidades dos países periféricos vão funcionar em um sistema de franquia, o que significa que perdem autonomia para definir os seus objetos de pesquisa, para realizar a sua ciência, aquela que responda à necessidade do país. Portanto, a alternativa ao mercado é uma política pública. A universidade moderna assenta fundamentalmente em uma prioridade de Estado e é essa que está em disputa.

Repórter Social - Que impacto o senhor visualiza no processo de formação humana com a existência dessas universidades globais?

Santos - Um impacto total. Porque essas universidades globais funcionam com base em princípios de relações, por exemplo, professores e alunos que são muito diferentes daquelas que a gente conhece hoje nas universidades. Por exemplo, são adeptas que a relação face-a-face, o ensino presencial, seja cada vez menos significativo. Portanto, todo ensino, a prazo, será um ensino online. Segundo lugar, não interessa uma formação de caráter para além do que é exigido pela lógica do mercado. A relação deve ser uma relação mercantil entre professor e aluno, entre instituição e aluno - uma relação de consumidor. A lógica das relações que se estabelecem dentro da universidade é uma lógica de mercado. Então, como se faz a avaliação do curso, a avaliação dos professores, como se faz a avaliação do estudante? Tudo isso pode ser objeto de patenteamento. Sistema de avaliação patenteados, cursos patenteados. Já é hoje no domínio da administração, nos Business Administration (MBAs). É esse sistema que se quer expandir. Qual é a formação nisso? Nós temos que formar cidadãos. A universidade sempre teve um grande objetivo além de formar cidadania, formar as elites nomeadamente. Ora, hoje o grande desafio da universidade é democratizar-se. É formar elites, mas ampliar as elites. É um conhecimento das elites, é um conhecimento sofisticado? Sim. Mas que seja democratizado.

Repórter Social – E o que isso exige das universidades?

Santos - Isso exige, naturalmente, uma universidade que esteja sensibilizada aos problemas do país.

Mesmo em um país que está a globalizar-se, como o Brasil, insere-se no mundo globalizado de uma maneira própria. O que o governo está a fazer na política externa é uma especificidade que não coincide com interesses da Nova Zelândia, dos Estados Unidos, da Austrália. O conhecimento científico tem que fazer uma formação que é sintonizada com os objetivos nacionais, porque cidadania - por enquanto - é uma cidadania nacional. A gente fala de cidadãos globais, de cidadania global, mas politicamente a cidadania é nacional. As universidades têm um papel fundamental na reflexão sobre os problemas de cidadania nacional. Como é que isso vai ser possível, se o ensino universitário estiver a ser feito na maioria dos países a partir dos sistemas de franquias em que o conhecimento é realmente realizado no Norte em poucas universidades globais e depois é distribuído globalmente? É um conhecimento que, naturalmente, se vincula à realidade desses países.

Repórter Social – Algum em específico?

Santos - São projetos nacionais. Os Estados Unidos têm um projeto nacional que é global. A Austrália é a mesma coisa. Talvez, não se saiba, mas há um grande apoio da diplomacia norte-americana e australiana às suas universidades globais. Porque os projetos nacionais daqueles países são de produzir conhecimento universitário para distribuir mundialmente. É um projeto daqueles países que não coincide naturalmente com os projetos de outros países onde será distribuído este conhecimento universitário. É exatamente a idéia que a cidadania se assente na realidade das políticas nacionais que vai desaparecer com esse modelo.

Repórter Social – O senhor defende a importância da democratização da formação de elites pelas universidades. Mas o senhor também defende uma equiparação dos diferentes tipos de saberes. Como funciona a "Ecologia dos Saberes"?

Santos - A Ecologia dos Saberes é a extensão ao contrário. É a universidade preparar-se para a idéia de que as práticas sociais, mesmo quando são informadas pelo conhecimento científico, possuem um conhecimento que é único. Isto é, o conhecimento científico tem que saber dialogar com outros conhecimentos - porque nas práticas sociais os outros conhecimentos estão presentes - e trazê-los para dentro da universidade. O que significa, eventualmente, os alunos da universidade terem contato com líderes comunitários que hoje não são cientificados para ensinar na universidade, mas provavelmente devem vir à universidade para dar sua experiência.

Repórter Social – Como isso ocorreria na prática?

Santos - Minha experiência como sociólogo é exatamente o quê, normalmente, faço como lema da minha vida profissional. É integrar grandes teorias epistemológicas, abstratas às práticas concretas. Acabo de vir da vila Santa Lúcia, depois fui à Santa Rita, depois fui à São Bento (*as três vilas integram o Aglomerado Santa Lúcia*). Falei com um catador de lixo, um homem extraordinário, que me explicou quais eram as suas soluções para canalização de água, de forma a garantir segurança àquela população sem que seja removida. Aquela população não quer ser removida por uma razão absolutamente racional: porque vai ser removida para longe do lixo de luxo que é base de sua sustentação. Naturalmente, a Prefeitura não está sensibilizada para isso. O conhecimento que aquele homem declarou, da estrutura da terra, o que acontece quando a água cai é um conhecimento popular. Seria uma lástima se os técnicos da prefeitura que estivessem ali não tomassem em conta o conhecimento popular que existe naquela região, só para dar um exemplo.

Repórter Social – O senhor também aponta que uma das formas da universidade superar a crise pela qual passa é se aproximar da escola pública. Como isso pode ser feito?

Santos - Foi um erro tremendo que as universidades tenham separado a política educacional para o ensino médio e o ensino básico. Houve um tempo em que a Universidade esteve mundialmente ligada a essas questões. Depois, ela foi separada pela criação da escola superior de educação e pela emergência de um grande mercado educacional, de política de formação do professor. Retiraram da Universidade essa ligação. Eu penso que a universidade pública, para se legitimar, tem que se saber

unir ao ensino médio e ao ensino básico. Sou adepto que, a prazo, deveríamos fundir os diferentes graus de ensino. Eles são uma seqüência normal que, aliás, não vai terminar com a Universidade. Vai ser uma educação permanente que não deve ser uma educação para o mercado permanente, mas para uma cidadania permanente que, no meu entender, vai fazer com que a educação seja um bem público global, administrada em diferentes níveis, por diferentes pessoas, mas administrada de maneira articulada. A Universidade tem todo o interesse de religar-se a esses diferentes estágios ou graus de ensino e aí, de alguma maneira, ela pode reconquistar sua legitimação. Muitos desses graus estão virados contra a Universidade em alguns países; estão totalmente eliminados para mercado da pedagogia. A pedagogia do ensino médio transformou-se um grande mercado global.

Repórter Social – A integração entre os ensinos fundamental, médio e superior seria uma forma de combater a mercantilização do ensino?

Santos - É fundamental que, no nível da educação, dominem interações não-mercantis. Enquanto a relação professor/aluno, professor/professor, instituição/aluno for mercantil, penso que a Universidade deixa de ter lugar. O mercado não é um espaço público, um espaço de discussão aberta, onde o cidadão, independentemente de seus interesses, pode discutir suas idéias livremente. A universidade pública, apesar de todos os seus problemas, ainda é um espaço de discussão. Muitas das discussões de que participo não seria possível em uma empresa porque não se pode perder tempo em discutir, porque quem tem razão é quem tem poder dentro de uma fábrica e não as pessoas que podem levantar quaisquer questões. Ou seja as universidades são espaços públicos onde a sociedade pensa a médio e longo prazo. É preciso ter essas instituições pois as relações de mercado não se compadecem com médio e longo prazo.

Repórter Social – Por que este espaço não pode existir em uma universidade privada?

Santos - As relações mercantis pretendem e necessitam retorno a curto prazo. As empresas universitárias são empresas que têm que dar lucro ao final do ano. Em muitas universidades privadas, além da proletarização dos professores, há uma enorme pressão para influenciar o tipo de avaliação que os professores fazem do aluno. Se são demasiadamente exigentes são reprimidos por isso, eles não têm autonomia. A universidade privada, como um negócio, perde se chegar à conclusão que os alunos não são bem-servidos. E o que é ser bem-servido? Ter um diploma rapidamente, mesmo que seja um diploma lixo. As relações mercantis acabarão por subverter o que é o espaço público universitário.

Repórter Social – O senhor vem considerando a reforma universitária no Brasil de forma muito positiva e, até mesmo, a coloca como exemplo para outros países. Entretanto, internamente há muitas críticas à reforma, como em relação ao Programa Universidade para Todos...

Santos - É realmente uma reforma que tem problemas e, talvez, esse seja um deles. O fato de o processo da reforma ter começado com as vagas nas universidade privadas foi interpretado, por muitos, como um balão de oxigênio ao sistema privado. Agora, acontece também que é uma forma de controle sobre elas. Em meu entender, sendo o Estado - o Ministério da Educação - quem vai decidir como as vagas vão ser preenchidas, é um princípio de regulação e como princípio de regulação é positivo. Logo, até mesmo com essas ambigüidades todas, o ProUni é um bom sistema, que deve ser aprofundado.

www.reportersocial.com.br - Repórter Social © Todos Direitos Reservados - 2005